

NAÇÃO E SERTÃO EM UM PERÍODICO SERTANEJO (“A PENNA”, 1897-1930)

Byron de Castro Muniz Teixeira¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as questões políticas abordadas nos editoriais do jornal “A Penna”, periódico surgido nos Altos Sertões da Bahia, na cidade de Caetité, em 5 de março de 1897. Foi o primeiro do Sertão e segundo do interior baiano. De duração relativa (1897-1943), nosso recorte temporal será delimitado ao seu início (1897) até o ano de morte do fundador em 1930. As principais preocupações de Gumes era contribuir para combater o analfabetismo reinante, principalmente nas províncias mais distantes. A produção literária e não-literária folhetinesca é fonte de informações história, literária, lingüística e cultural sobre a região ficando impossível, ao pesquisador das áreas do saber, realizar estudo sobre o Alto Sertão sem tomá-la como uma das principais fontes de pesquisa. Os jornais estão conservados em órgãos públicos e instituições privadas.

Palavras-chave: A Penna, Nação, Sertão.

A comunicação apresenta os resultados iniciais da pesquisa que ora desenvolvo no Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A investigação propõe analisar o jornal “A Penna” em um período de importantes mudanças no cenário político e econômico do Brasil na transição da Monarquia para a República. Mais especificamente, discute como o periódico se posicionou em relação a estas alterações, sobretudo, no que se refere à sua concepção de *nação* a partir de um olhar de uma região sertaneja. O periódico “A Penna” começou a circular em 1897 em Caetité, cidade localizada no Alto Sertão da Bahia. Seu proprietário, João Antônio dos Santos Gumes, dedicaria anos à produção e circulação do periódico que alcançava boa parte da população da região, além de ser enviado para outras cidades do país. Segundo alguns registros, João Gumes, nasceu em 1858 na mesma cidade, autodidata, desempenhou um papel importante na comunidade local, seja como advogado provisionado, arquiteto, desenhista, seja como jornalista, professor, escritor e poeta. Dono da primeira tipografia, fundada um ano antes da criação do

jornal, exercia as funções de editor, revisor, tipógrafo e redator²O jornal tinha um formato pequeno e continha informações sobre variados assuntos concernentes à vida cotidiana local, assim como notícias políticas e econômicas do Brasil e de outros lugares do mundo. Exerceu, sem dúvida, um papel fundamental na veiculação de informações entre os habitantes sertanejos e, ao que parece, chegou a ultrapassar as fronteiras da região. Caetité, historicamente um dos principais centros sertanejos no XIX, emancipou-se da vila de Rio de Contas em 1810. A despeito do distanciamento em relação à capital da Bahia – Salvador – a vila desempenhou um papel fundamental na articulação com outros centros urbanos como bem demonstra estudos recentes sobre a dinâmica política e econômica do Alto Sertão³

A despeito da visão acerca das áreas sertanejas que desde os tempos coloniais identificam-nas como território despovoado, incivilizado e bárbaro, as pesquisas têm revelado a importância desse território para a compreensão da dinâmica da História do Brasil em distintas temporalidades. No caso da Bahia, os estudos apontam para um redimensionamento da dinâmica das áreas sertanejas e refutam a noção de isolamento e de desarticulação dos processos históricos potencializando outras perspectivas de entendimento sobre a história da Bahia⁴

Se no decorrer do movimento de ocupação dessas áreas, marcado, sobretudo pela criação extensiva de gado e pela eliminação das suas populações nativas, as autoridades acentuavam a necessidade de “ordenar” os seus habitantes⁵, no decorrer do Oitocentos a preocupação com a sua integração ao Império recém-implantado será objeto de constante preocupação por parte das autoridades e das elites locais. A proclamação da República acentua ainda mais o debate sobre o lugar dos sertões no projeto de modernização da sociedade brasileira, sobretudo após os conflitos ocorridos em Canudos, entre 1896 e 1897⁶, portanto, na mesma época em que surge “A Penna” nos sertões caetiteenses. Os combates travados entre os governos federal e estadual e a população sitiada no arraial de Canudos eram acompanhados com atenção pelo periódico, questão a ser analisada no decorrer da pesquisa. A rigor, não apenas João Gumes utilizava-se das páginas do jornal para difundir as suas opiniões haja vista que alguns dos seus colaboradores insistiram na necessidade de “modernizar” os sertões e, em particular, Caetité, expressando preocupações acerca dos variados problemas enfrentados pelas populações locais⁷.

Ao que parece, o periódico, ao lado de *O Caetiteense* também fundado por João Gumes mas de pouca duração, fora o primeiro a ser criado na região⁸. A imprensa no Brasil só foi permitida no início do século XIX dada o controle exercido pela Coroa portuguesa para a circulação de jornais e livros. Mesmo as bibliotecas só existiam em casas de alguns particulares e nos mosteiros. Somente após a vinda da família real portuguesa para a América, em 1808, que foram autorizados a criação da Gazeta do Rio de Janeiro nesse ano e a *Idade d'Ouro do Brasil*, três anos depois, na capitania da Bahia⁹, assim como a biblioteca pública em Salvador. Este cenário foi bastante alterado com o constitucionalismo nos anos 1820 quando vários folhetos políticos e jornais foram produzidos nessa cidade na esteira das transformações políticas do período. No decorrer do século XIX vários outros periódicos circularam pela província, alguns com pequena duração, mas, de maneira geral, com textos políticos que debatiam a situação da população baiana no processo de consolidação do Estado Imperial. A despeito da riqueza das informações sobre a sociedade da época presente nestes documentos, as pesquisas ainda carecem de aprofundamento¹⁰. Para o interior, esses estudos tornam-se ainda mais difíceis tendo em vista a falta de conservação destas fontes e a perda irreparável para o pesquisador, com raras exceções. No caso do jornal “A Penna”, a coleção tem sido preservada, com algumas lacunas de números, graças ao trabalho desenvolvido pelo Arquivo Municipal de Caetité.

A pesquisa, ainda em fase inicial de desenvolvimento, propõe discutir as concepções de Sertão e de Nação apresentadas pelo jornal entre os anos de 1897, quando foi criado, e 1930, com a morte do seu fundador. Após a sua morte, o jornal foi publicado por algum tempo sob a direção de seus filhos. O período em que circulou coincide com as primeiras décadas de consolidação da República no Brasil, cujos desafios incluíam a inserção dos ex-escravos no projeto modernizador de Nação. E os desafios não eram pequenos. De acordo José Murilo de Carvalho, o censo de 1872 apontou que a população escrava no país possuía um índice de 99,9% de analfabetos e nas primeiras décadas do século XX mais de 70% da população declaravam essa condição¹¹. Desse modo, dominar a leitura e a escrita nesse período era um privilégio de poucos. E o que dizer dos habitantes dos sertões?

Esta questão certamente dificultava o acesso de boa parte dos habitantes à leitura do jornal, o que não significa, todavia, que as notícias não eram repassadas por meio

dos encontros, das conversas entre amigos, da socialização das informações através da oralidade. João Gumes demonstrava ser esta uma das questões essenciais para o desenvolvimento das áreas sertanejas. Para ele, uma nação constituída por analfabetos não podia se consolidar: “O que nos falta é educar o povo, incutindo-lhe princípios moraes, amor ao trabalho e economia”¹². Com esse objetivo, escreveu a obra “Os Analphabetos”, em 1927, na qual explicitava essa questão.

De acordo a pesquisadora Joseni Pereira Meira Reis, João Gumes tinha uma grande preocupação com a difusão da leitura entre a população e isto pode ser percebido na própria escolha do nome do jornal:

A Penna faz uma alusão à utilização do instrumento de escrita. Esse indício também nos permite supor que Gumes tinha uma relação de proximidade com a cultura letrada. Retomando a epígrafe inicial deste texto, João Gumes sabia que a leitura, muitas vezes, não oferecia o alimento material às pessoas, mas ele acreditava que a leitura pudesse provocar “perturbações à alma humana” no sentido de gerar inquietações. Daí, provavelmente, seus desejos de enveredar, cada vez mais, pelo caminho da leitura e da escrita, na busca da transformação da sua realidade¹³.

A autora discute os mecanismos pelos quais João Gumes, sem que possuísse origem em família abastada, conseguiu construir uma relação íntima com a cultura escrita, além de ter tido uma participação fundamental para a difusão da escrita no ambiente sertanejo. Em seus escritos, a preocupação constante com a condição de vida do sertanejo. O domínio da escrita é utilizado como recurso necessário para expor os problemas da região ao mesmo tempo em que demonstra sua forte vinculação com os sertões. Segundo Reis:

Desse modo, pode-se considerar João Gumes como um escritor de estilo regionalista que teve a sua literatura marcada pelas tensões entre pobreza/exploração, educação/progresso, rural/urbano e outros temas que caracterizam os conflitos cotidianos da população, principalmente a do campo. Vê-se a ênfase que o escritor conferiu à questão do meio físico e às possibilidades dele decorrentes para o desenvolvimento da região. Poderíamos, de certa forma, identificar a literatura produzida por Gumes como uma literatura “missionária”, pois ele acreditava estar contribuindo para o desenvolvimento e progresso da região. Conclui-se provisoriamente que o autor João Gumes buscou formas de escrita que o distinguiam dos demais escritores que possuíam a legitimidade acadêmica¹⁴

Como mencionado, o jornal se posicionava sobre variados assuntos: política,

economia, cultura. O editor analisava questões importantes nos editoriais que abriam todos os números. Uma das questões recorrentes era a seca que assolava as áreas sertanejas e na qual os habitantes se viam totalmente desassistidos pelos poderes locais. As péssimas condições de transporte que dificultavam o trânsito de pessoas e mercadorias era outro assunto denunciado pelo periódico. Para João Gumes, as condições precárias dos habitantes é que os forçavam a buscar condições melhores de sobrevivência, principalmente, no centro-sul do país. E esta realidade poderia ser modificada se as autoridades responsáveis adotassem as medidas necessárias. As potencialidades do sertão são constantemente lembradas por ele. Ao responder as críticas sobre as péssimas condições de fertilidade das terras da Bahia, João Gumes advertia:

Os nossos terrenos não são áridos. A Bahia possui extensas florestas, riquíssimas caudales, terrenos feracíssimos próprios para todas as culturas adoptadas em São Paulo. A tão falada seca consiste na má distribuição das chuvas pelo tempo e pelos lugares, em certos annos. Reconheça o illustre missivista que o que mais concorre para a prosperidade de São Paulo é a immigração e a trama ferroviária que cobre grande extensão d'aquelle Estado. Que nos dêem esses dous importantes factores, e veremos quanto vale a Bahia¹⁵.

Como porta-voz dos habitantes sertanejos, o editor buscava propagar a sua visão de nação ideal, aquela na qual as populações sertanejas deveriam estar integradas. Em outras palavras, a categoria *sertão* era essencial para o entendimento da *nação*. Nesse sentido, as suas expectativas políticas em relação à República foram altamente positivas. O acompanhamento dos seus escritos, sobretudo os editoriais nos quais esclarecia seus posicionamentos políticos, permitirão analisar até que ponto permaneceu confiante na consolidação desse ideal de Nação.

¹ Advogado e professor de Direito Civil na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Mestrando do Curso de Memória, Linguagem e Sociedade na UESB, autor do livro: *Jornais de Ontem*, 2010. E-mail: byronteixeira@uol.com.br.

² SILVA, Pedro Celestino da Silva. Notícias Históricas e Geográficas do Município de Caetité. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n. 58, 1932.

³ NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo da história regional e local)*. Salvador: UFBA/UEFS, 1998.

⁴ NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo da história regional e local)*. Salvador: UFBA/UEFS, 1998.

⁵ SOUSA, Maria Aparecida Silva de. *A Conquista do Sertão da Ressaca*. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2001

⁶ BARTELT, Dawid Danilo. *Sertão, República, Nação*. São Paulo: Edusp, 2009

⁷ SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Manifestações modernizadoras no Alto Sertão Baiano - Caetité (1910-1920)*. (Disponível em: www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT6/GT6-PAULO.pdf. Acessado em 25 de março de 2012)

⁸ MACÁRIO, Jeremias. *A imprensa e o Coronelismo no sertão do Sudoeste (A imprensa no sudoeste a partir de João Gumes*. UESB, Vitória da Conquista, 2005.

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Mauad Editora. Rio de Janeiro, 1999.

¹⁰ MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder. O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro, D&PA, 2003.

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem /Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

¹² A PENNA, Primeiro Jornal do Sudoeste da Bahia, Fundado por João Antonio dos Santos Nunes

¹³ REIS, Joseni Meira Pereira. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes* (Caetité-Ba, 1897-1928). Universidade Federal de Minas Gerais, 2010 (Dissertação de Mestrado)

¹⁴ REIS, Joseni Meira Pereira. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes* (Caetité-Ba, 1897-1928). Universidade Federal de Minas Gerais, 2010 (Dissertação de Mestrado)

¹⁵ A PENNA, Primeiro Jornal do Sudoeste da Bahia, Fundado por João Antonio dos Santos Nunes